

Jornalismo e Gênero: Os constrangimentos no cotidiano profissional das jornalistas de Imperatriz e Balsas no Maranhão¹

Daniele Silva LIMA²

Silvana Bezerra COSTA³

Wyldiany Oliveira dos SANTOS⁴

Camilla Quesada TAVARES⁵

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

Este artigo discute como questões de gênero encontram-se presentes no cotidiano das mulheres que trabalham na área da comunicação nas cidades de Imperatriz e Balsas, interior do Maranhão. A pesquisa aqui proposta identifica como as relações de gênero aparecem no processo de produção da área da comunicação, observando um cenário de interior em que o mercado jornalístico ainda está se desenvolvendo. Para esta pesquisa, foram mapeadas as profissionais que trabalham em redações e assessorias das duas cidades, num segundo momento foi aplicado um questionário com essas profissionais. Ao todo foram respondidos 36 questionários, que integram o *corpus* desta pesquisa. Os principais resultados mostram um perfil de mulheres jovens e que enfrentam problemas dentro e fora das redações, como assédio, abuso de poder e pressões quanto à aparência.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Mulheres; Jornalismo; Questionário; Maranhão.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, é notório um aumento significativo da inserção das mulheres no mercado de trabalho em diversas áreas, porém ainda há necessidade de mudanças no que diz respeito às diferenças salariais e menor taxa de ocupação do mercado em relação aos homens (IBGE, 2014). No caso de mulheres que atuam na comunicação, há alguns problemas de gênero que são enfrentados por elas cotidianamente e de forma específica, ou seja, são intimamente ligados à profissão. Dentre eles, pode-se apontar problemas na relação com fontes de notícias, dificuldade

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda no 7º período de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. Integrante do grupo Comunicação, Política e Sociedade (COPS) e bolsista de iniciação científica CNPq-Af, e-mail: danielesilvalima15@gmail.com

³ Graduanda no 4º período de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. Integrante do grupo Comunicação, Política e Sociedade (COPS) e bolsista de iniciação científica CNPq, e-mail: silvana_pjitz@hotmail.com

⁴ Graduanda no 7º período de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. Integrante do grupo Comunicação, Política e Sociedade (COPS), e-mail: wyll.dyanny@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Prof. Dra. do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, e coordenadora do grupo de pesquisa Comunicação Política e Sociedade (COPS), e-mail: camilla.tavares8@gmail.com

em exercer a função em locais com predominância masculina, como presídios, Câmaras, delegacias e estádios.

A partir deste contexto, este artigo busca responder os seguintes questionamentos: como se dá o trabalho das mulheres no jornalismo? Quais são os principais problemas de gênero no mercado da comunicação e como se dão? Isso buscando entender a atuação dessas profissionais em Balsas e Imperatriz, no Maranhão, duas cidades de porte médio (aproximadamente 88 mil e 250 mil habitantes, respectivamente), tipicamente de interior e situada na região Nordeste. Sendo assim, a pesquisa busca preencher uma lacuna nos estudos de jornalismo e gênero, que ainda estão concentrados em estados do sul brasileiro. No estudo feito sobre discriminação de gênero no jornalismo brasileiro realizado em 2017 pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), por exemplo, não entraram estados nordestinos.

Tendo como objeto as profissionais de comunicação dos municípios supracitados - tanto atuantes em jornalismo diário quanto em assessorias -, a pesquisa busca entender os constrangimentos de gênero na prática jornalística e, para isso, é composta por dois processos: mapeamento das jornalistas e aplicação de questionários. No total, foram 44 mulheres mapeadas, 31 de Imperatriz – MA e 13 de Balsas – MA. Destas, 36 (82%) responderam ao questionário, sendo 26 da cidade de Imperatriz e 10 de Balsas.

Para cumprir com os objetivos da pesquisa, este *paper* traz de início uma discussão sobre o que já se tem na literatura sobre a questão de gênero no jornalismo, destacando as pesquisas sobre redações. Após isso, a metodologia é apresentada, mostrando os passos que foram seguidos no estudo e a técnica usada, que é quantitativa. Depois da discussão metodológica, seguem os resultados obtidos com o questionário e suas respectivas análises, são elencadas informações sobre o contexto das cidades, o perfil das jornalistas e os obstáculos que elas enfrentam no comprimento de sua função. Por fim, as considerações finais trazem um aparato geral do que foi discutido e propõem novos caminhos para este estudo.

O COTIDIANO DA MULHER JORNALISTA

No Brasil, a inserção das profissionais nas empresas de comunicação é um processo conjunto à introdução das mulheres no mercado de trabalho (ROCHA, 2004). Atualmente, apesar de haver presença majoritária da mulher nas redações, persistem na

imprensa algumas discrepâncias, particularmente na ocupação de cargos de chefia. E isso pode influenciar na cobertura, pois são os líderes que distribuem o trabalho de reportagem nas redações (SANTOS; TEMER, 2016). Essa situação pode contribuir para a naturalização do machismo na mídia, presente na sexualização das propagandas, na romantização da dupla jornada de trabalho e atenuação de violências de gênero no jornalismo (CHAVES, 2015).

Hoje, a presença das mulheres no mercado de trabalho jornalístico e nos cursos superiores para formação profissional atesta o interesse e a adaptação delas a um universo que, no início da década de 1960 do século passado, no Brasil, discriminava-as abertamente (KOSHIYAMA, 2001). Alguns dos estudos sobre as diferenças de gênero presentes na área do jornalismo mostram que as mulheres ganham menos que os homens (PONTES, 2017), sendo que homens e mulheres, mesmo recebendo salários diferentes, têm jornada diária similar. Em muitos locais de trabalho, as mulheres são expostas cotidianamente a pressões e constrangimentos que não fazem parte da vivência dos homens, do assédio sexual às exigências contraditórias de incorporar tanto o profissionalismo quanto uma “feminilidade” (MIGUEL; BIROLI, 2014).

A partir da década de 1980, percebe-se uma tendência de feminização do mercado em jornalismo, sendo favorecida pelos cursos de graduação, e paralelamente ao ingresso de pessoas jovens na carreira, portadores do diploma em jornalismo. Isso ainda ocorre em maior número em áreas menos prestigiadas ou mais recentes, sendo menor nos setores tradicionais como rádio e jornal impresso (ROCHA; SOUSA, 2011). Além da feminização, o jornalismo também passa por um processo de juvenilização, o que implica em outros tipos de obstáculos que elas têm que enfrentar, pois esses dois processos aliados acentuam as diferenças em relação aos homens (ROCHA; WOITOWICZ, 2017).

O processo de feminização no jornalismo não foi um movimento isolado, ao contrário, ele está inserido no contexto internacional de transformação e introdução da mulher no mercado de trabalho. Entretanto, entre as pautas, como entre os repórteres, há uma hierarquia de valores correspondentes, e as concepções de gênero estão presentes na idealização das matérias, bem como permeiam as escolhas dos jornalistas que vão realizá-las (ROCHA; SOUSA, 2011).

A imprensa feminista surgiu no bojo da Revolução Francesa e se tornou portavoz das ideias daquelas que atuavam pela emancipação feminina. Mas para driblar

preconceitos e conquistar espaço nas redações, as mulheres usavam pseudônimos e inovaram na reportagem (SANTOS; TEMER, 2016). Percebe-se, desse modo, que as mulheres participaram ativamente de diferentes fases da imprensa brasileira, seja em periódicos feministas, femininos ou na busca por espaços no jornalismo tradicional.

[..] no início do século XX algumas mulheres adentraram nas redações e produziram conteúdos, apesar de ser um espaço majoritariamente masculino, seja pelas mãos do pai/proprietário ou com contratação em carteira profissional. Outro aspecto a ser considerado é a contribuição dessas mulheres nos segmentos de turismo, feminino, infantil, colonismo social, literatura, espaços que permitiram seus acessos. (ROCHA; WOITOWICZ, 2017, p.7).

A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) realizou, em 2017, um relatório chamado “Mulheres no Jornalismo Brasileiro”. O documento apresentava informações sobre diversos tipos de constrangimentos e assédios que as jornalistas das cidades de São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Brasília sofriam rotineiramente no âmbito profissional. Entre os dados, obtidos por questionários e grupos focais, estão que 86,4% das mulheres já admitiram terem passado por pelo menos uma situação de discriminação de gênero no trabalho. Entretanto, a pesquisa não trazia respostas de mulheres do Maranhão, que é a proposta deste *paper*, dar voz também a quem está trabalhando no estado.

Sendo assim, esses pontos levantados pela literatura, que estudam o ingresso das mulheres nos espaços de comunicação, reforçam a ideia de que as dificuldades de acesso às posições de poder, fora do âmbito familiar, permanecem no mundo do trabalho (BIROLI, 2018). Assim, as pesquisas se debruçam sobre redações são importantes, pois a partir delas é possível perceber como e quais discriminações de gênero, abusos de poder e pressões podem estar presentes também no trabalho das jornalistas.

A partir dessa discussão, e para atingir os objetivos propostos pela pesquisa, a metodologia escolhida foi a quantitativa. No tópico a seguir são esclarecidos os passos desse estudo, que incluiu um mapeamento a partir da técnica de “bola de neve” e a aplicação de um questionário *online*.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi realizada em Imperatriz e Balsas, cidades que ficam no sul do Maranhão, aproximadamente 600 km e 800 km da capital, São Luís, respectivamente.

Imperatriz possui cerca de 250 mil habitantes, enquanto que Balsas tem aproximadamente 88 mil residentes. Por serem cidades geograficamente distantes da capital e de desenvolvimento tardio, são consideradas interioranas. A escolha das duas cidades para a pesquisa aconteceu por ambas possuírem TVs afiliadas a grandes emissoras, como Globo e SBT, e desse modo, as chances de encontrar mais mulheres no jornalismo era maior, uma vez que em cidades pequenas é difícil encontrar redações e profissionais atuantes. Brito (2017), por exemplo, verificou a ausência de profissionais do jornalismo em rádios sulmaranhenses, e de acordo com sua pesquisa, um dos empecilhos é a questão financeira.

Este estudo é composto por duas etapas. A primeira é um mapeamento sistemático dos diferentes espaços que contavam com profissionais da comunicação na cidade de Imperatriz e Balsas. Para o recorte, foi levada em consideração mulheres que trabalham no jornalismo diário e em assessorias de órgãos públicos, sendo elas as Prefeituras e as Câmaras municipais.

Para chegar até as jornalistas, utilizou-se a técnica *snowball* ou ‘bola de neve’, que é uma forma “não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que por sua vez indicam outros participantes e assim sucessivamente” (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 332), e isso acontece até que seja alcançado o objetivo da pesquisa.

Depois que as profissionais foram identificadas, aconteceu o envio de um questionário *online* para cada uma delas, a fim de se obter respostas padrões. Segundo Babbie (2005), o questionário é desenvolvido para que se possa obter informações relevantes acerca do assunto pesquisado, após ter sido feito um recorte amostral. Depois da elaboração do questionário, é possível registrar e codificar quantitativamente as respostas de forma padronizada.

O formulário é composto por nove seções, tratando questões sobre a relação com as fontes, as experiências com discriminação e constrangimentos no ambiente de trabalho e dados socioeconômicos. No total, 44 mulheres foram mapeadas nas duas cidades – 31 em Imperatriz e 10 em Balsas – e 36 desse total (82%) enviaram suas respostas ao questionário, sendo 26 da primeira cidade e 10 da segunda.

Enquanto parte significativa dos estudos sobre Comunicação e Gênero se debruça sobre o cenário das capitais e dos grandes veículos, esta pesquisa tenta identificar como relações de gênero aparecem na área da comunicação, mas observando

um cenário do Nordeste, de cidades interioranas, que tem um mercado ainda em desenvolvimento e um recente oferecimento do curso superior em comunicação.

É importante ressaltar que a pesquisa não tem como foco a comparação do contexto das duas cidades, mas sim entender num contexto mais amplo como se dá o trabalho das jornalistas em cidades menores. Até porque, nas duas cidades, existe um número pequeno de profissionais atuando no jornalismo. Assim, o intuito foi aumentar o número das respondentes, a partir da inclusão de duas cidades próximas, e não compará-las.

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO JORNALÍSTICO DE IMPERATRIZ E BALSAS

Como já mencionado, este estudo traz como recorte duas cidades do interior maranhense para observar como se dá o trabalho das mulheres no jornalismo. A primeira cidade a ser pesquisada foi Imperatriz, onde está localizado o campus universitário em que as autoras estudam. A cidade está a 600 km da capital do Maranhão, São Luís, e possui cerca de 250 mil habitantes. Nela, está presente a Universidade Federal do Maranhão, que possui o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Esse é um dos motivos que explicam a razão da maioria das jornalistas da cidade possuírem graduação na área, já que muitas são ex-alunas da universidade.

A cidade de Imperatriz é a que possui um número maior de jornalistas na região - 44 mapeadas -, pois nela são encontradas TVs filiadas à Globo e ao SBT, por exemplo. No município, foram encontradas profissionais que atuavam na assessoria da Prefeitura, em TVs (Nativa, Mirante e Difusora), em um veículo impresso (O Progresso), em portais de notícias (MA10, Correio Popular e O Progresso) e em uma rádio (Mirante).

Depois de obtidas as respostas de Imperatriz, o mapeamento continuou em Balsas. A cidade fica a 302 km da primeira cidade e possui aproximadamente 88 mil habitantes. No município também há TVs afiliadas à Globo e ao SBT, entretanto, não há um curso de graduação em jornalismo. Por esse motivo, o número de jornalistas encontradas foi bem menor, apenas 13 mapeadas, e nem todas possuem formação na área.

Em Balsas, foram encontradas mulheres atuando em assessorias na Prefeitura e na Câmara municipal, em TVs (Mirante, Difusora e Boa Notícia), em portal de notícias (Diário de Balsas), em rádio (Boa Notícia) e em uma revista (Nosso Estilo).

BREVE PERFIL DAS JORNALISTAS MAPEADAS

Das 36 respondentes do questionário, 26 são de Imperatriz e 10 de Balsas; 67% (24) delas têm entre 20 e 30 anos, 22% (8) estão com 30 a 40 anos de idade e 11% (4) têm mais de 40 anos. Com relação aos títulos acadêmicos, 2 possuem apenas o ensino médio completo, 22% (8) são graduandas, 47% (17) são graduadas, sendo 11 no curso de Jornalismo, outras 22% (8) são especialistas e apenas 1 está cursando mestrado.

Quanto aos principais níveis de cargo ocupado por elas, 61% (19) trabalham com carteira assinada, 23% (7) estão com contrato temporário e 16% (5) são concursadas. Em relação ao tempo de carreira no jornalismo, 36% (13) já trabalham na área entre 2 e 5 anos, 31% (11) estão entre 5 e 10 anos, 22% (8) trabalham há mais de 10 anos e 11% (4) há menos de 2 anos. Além dessas questões, o questionário também continha uma pergunta sobre cargos de chefia, das 36 respondentes, 72% (26) não estão nessa posição nas empresas. As que estão em cargo de chefia, em sua maioria, estão na cidade de Imperatriz e são da diretoria de redação ou jornalismo dos programas de telejornal.

Sobre os tipos de meios de comunicação que elas já atuaram, a tabela 1, abaixo, mostra os resultados obtidos:

Tabela 1 – Tipos de meios de comunicação que as profissionais atuaram

Veículo de comunicação	N	%
Televisivo	23	64%
Online	19	53%
Impresso	13	36%
Radiofônico	9	25%
Assessoria	7	19%

Fonte: As autoras, 2019

Por meio dos dados apresentados na tabela, verifica-se que as mulheres já trabalharam, em sua maioria, nas televisões (64%). Como foi mencionado anteriormente, as duas cidades pesquisadas contam com TVs afiliadas a grandes empresas de comunicação do Brasil, a Globo e o SBT. Em segundo lugar, aparecem os

portais *online* (53%) e depois o impresso (36%). Também se pode observar que elas têm menos na rádio (25%), onde ainda prevalece a participação masculina, e nas assessorias (19%), já que apenas assessoras de prefeituras e câmara municipal entraram no recorte deste *paper*.

A partir desses dados, pode-se apontar que a maioria das mulheres que trabalham no jornalismo nas duas cidades são jovens, com pouco tempo de trabalho na área, estão cursando a graduação ou já são graduadas e não estão em cargos de chefia. O que se pode explicar esse fato é a chegada do curso de Jornalismo em Imperatriz, onde está a maioria das respondentes. A partir do curso, as jovens formadas são integradas ao mercado, que ainda é pequeno.

Entretanto, apesar de existirem mulheres que trabalham há mais de cinco anos, também se viu que a grande maioria delas não chegou à chefia das redações. Algumas pesquisas sobre jornalismo e gênero mostram, por exemplo, que as mulheres sofrem com mais questionamentos sobre seu cargo superior (LEITE, 2015) e que elas precisam se impor mais que os homens para serem respeitadas no ambiente de trabalho (ROCHA, 2004). Situações como essas contribuem para que poucas mulheres cheguem aos cargos de chefia, apesar delas já serem maioria no jornalismo brasileiro (ROCHA; WOITOWICZ, 2017).

Agora que as informações quanto ao perfil das jornalistas estão elencadas, a seguir são aprofundadas as análises a partir de respostas específicas sobre o trabalho das profissionais durante sua carreira, sobre a relação delas com fontes de informações e situações de constrangimentos vividas rotineiramente no trabalho.

OS CONSTRANGIMENTOS NO COTIANO PROFISSIONAL

Neste tópico serão discutidos os resultados referentes às perguntas relacionadas ao trabalho diário das mulheres e as situações que elas passam dentro das próprias redações ou na cobertura de pautas. Antes de mostrar os dados referentes a esses obstáculos, a tabela 2 mostra em quais editorias elas já trabalharam.

Tabela 2 – Editorias em que as jornalistas já trabalharam durante a carreira

Editorias que já trabalhou	N	%
Política	29	81%
Cidade	27	75%
Educação	26	72%

Cultura	25	69%
Esporte	22	61%
Saúde	22	61%
Rural e Meio ambiente	21	58%
Economia	19	53%
Segurança e Polícia	18	50%
Entretenimento	14	39%
Tecnologia	12	33%
Ciência	10	28%
Internacional	4	11%

Fonte: As autoras, 2019

O que se pode observar é que as jornalistas já tiveram contato com muitas das editorias dos jornais diários. O que significa que, nas cidades, não há uma divisão de jornalistas para editorias específicas. Todas acabam fazendo reportagens sobre todo tipo de conteúdo. A maioria delas respondeu que já trabalhou com política (81%), cidade (75%) e educação (72%). Veiga (2012) indica que há um entendimento na área de que os homens são mais aptos para editorias *hard* (política, economia, segurança e polícia) e mulheres para *soft* (entretenimento e cultura). Neste *paper*, essa divisão de pautas por gênero não se confirma no cotidiano das profissionais, pelo menos entre as que responderam o questionário.

Também foi perguntado quais editorias as mulheres mais se sentem confortáveis em cobrir, o resultado pode ser visto na a seguir:

Tabela 3 - Editorias em que as jornalistas se sentem mais confortáveis em cobrir

Editorias que se sente mais confortável	N	%
Cidade	25	69%
Educação	24	67%
Saúde	14	39%
Rural e Meio ambiente	12	33%
Segurança e Polícia	10	28%
Entretenimento	10	28%
Esporte	8	22%
Cultura	17	22%
Política	7	19%
Economia	3	8%
Tecnologia	3	8%
Ciência	3	8%
Internacional	1	3%

Fonte: As autoras, 2019

Nesta tabela, se pode observar que as editorias *hard* - economia (8%) e política (19%) -, são as que mais deixam as respondentes desconfortáveis em atuar. Isso pode significar que elas não se sentem aptas a cobrirem esses tipos de notícias ou também pode ser que elas se sintam mais desconfortáveis em ambientes que têm uma forte presença masculina, já que as fontes de informações, muitas vezes, são responsáveis por situações de assédio e constrangimento, como levantado no relatório *Mulheres no Jornalismo Brasileiro* (ABRAJI, 2017). Abaixo, na tabela 4, estão elencados alguns pontos sobre a relação das profissionais com fontes de informação:

Tabela 4 – O cotidiano das jornalistas com as fontes de informação

Cotidiano com fontes	N	%
Não me preocupo com o gênero das minhas fontes	25	69%
Procuo equiparar minhas fontes entre homens e mulheres	16	44%
Já recebi convites de fontes	7	19%
Já me senti assediada ou recuada por uma fonte	5	14%
Acho mais difícil encontrar fontes especialistas e oficiais que sejam mulheres	4	11%

Fonte: As autoras, 2019

Com relação às fontes, percebe-se que 33% das jornalistas já passaram por situações constrangedoras, sendo que 19% diz que já recebeu convites e 14% enfrentaram assédio durante o trabalho. Esse resultado vai ao encontro do que se encontrou no relatório Abraji (2017), como mencionado acima.

Cerqueira (2008, p. 140), em estudo sobre a cobertura do dia da mulher na imprensa portuguesa, verificou que as mulheres pouco aparecem como fontes no jornalismo, essa falta faz com que pareçam estar “no lado dos ‘invisíveis’ ou ‘visíveis’ com pouco destaque.” no discurso jornalístico. Por isso, foi questionado se as jornalistas equilibram a fontes que utilizam. Como resultado, a maioria (69%) indicou que não se preocupa com o gênero das fontes, ou seja, elas não têm um cuidado com a necessidade de representatividade, ou pelo menos isso não chega a ser o foco delas, diferente das 44% que percebem a falta de fontes femininas e tenta equiparar esse número.

Por fim, 11% delas também afirmaram que acham mais difícil encontrar fontes oficiais e especialistas mulheres, fontes menos vistas no jornalismo. Isso indica que não é que elas prefiram fontes masculinas, mas que na rotina diária da profissão é mais complicado encontrar mulheres, que podem estar menos presentes nesses espaços.

Para além da relação com fontes, as mulheres também foram questionadas sobre os responsáveis por piadas e cantadas dentro e fora do trabalho, e os resultados são vistos na tabela 5:

Tabelas 5 – Responsáveis por cantadas e piadas no ambiente de trabalho

Quem fez cantada/piada?	Cantada		Piada	
	N	%	N	%
De um colega homem	23	64%	20	56%
De uma fonte de informação homem	21	58%	13	36%
De um superior hierárquico homem	7	19%	9	25%
De uma pessoa desconhecida	12	33%	10	28%
De uma fonte de informação mulher	1	3%	3	8%
De uma colega mulher	0	0%	7	19%
De uma superior hierárquica mulher	0	0%	1	3%
Isso nunca aconteceu comigo em exercício profissional	5	14%	7	19%
Não sabe	2	6%	3	8%

Fonte: As autoras, 2019

Os números mostram que a prática de cantadas e piadas é majoritariamente masculina, sendo que 64% das mulheres já ouviram cantadas de colegas de trabalho e 56% já ouviram piadas. Logo depois, as fontes de informações masculinas foram responsáveis por 58% das cantadas que as mulheres ouviram e 36% das piadas. Isso mostra que pode se tratar de uma prática naturalizada pelos homens.

Para aprofundar o entendimento dos constrangimentos de gênero dentro das empresas, as jornalistas também indicaram situações pelas quais já passaram. Os resultados se encontram na tabela abaixo:

Tabela 6 – Constrangimentos de gênero sofrido dentro das redações

Situações cotidianas do trabalho e questões de gênero	N	%
Abuso de poder ou autoridade	18	50%
Já questioneei minha competência por influência dos outros (piadas, constrangimentos, desvalorização)	17	47%
Recebeu conselhos para "melhorar sua aparência"	14	39%
Insultos verbais	12	33%
Intimidação verbal, escrita ou física	12	33%
Recebeu conselhos para mudar o modo de se vestir ou se maquiar	12	33%
Tentativa de danos à sua reputação	9	25%
Invasão da sua privacidade por parte de chefes ou colegas de trabalho homens	8	22%
Humilhação pública	7	19%
Já questionaram seu cargo de chefia	7	19%

Acredita que perdeu oportunidades de emprego ou de promoção por ser mulher	7	19%
Já fui constrangida por causa da roupa que estava usando	3	8%
Ameaças pela internet	2	6%
Insultos pela internet	2	6%
Recebeu conselhos para não engravidar	1	3%
Não passou por nenhuma	1	3%

Fonte: As autoras, 2019

Observa-se que apenas uma mulher afirma que nunca passou por nenhuma das situações elencadas no questionário. Todas as outras indicam que já passaram por diversos tipos de constrangimentos, sendo os principais: abuso de poder (50%), questionamento da competência (47%), conselhos para melhorar a aparência (39%), insultos verbais, intimidações e conselhos sobre vestimenta e maquiagem (33%). É interessante notar também que 19% das mulheres indicaram que seus cargos de chefia já foram questionados.

Todos esses números mostram que as mulheres que atuam no jornalismo nas cidades de Imperatriz e Balsas têm que enfrentar diversos obstáculos na carreira, alguns deles são diretamente ligados ao gênero, pois há respostas quanto à aparência e questionamento da capacidade delas, algo que está presente no ambiente de trabalho de várias mulheres e em profissões diferentes. Sendo assim, fica nítido que os constrangimentos relacionados ao gênero perpassam o trabalho diário dessas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentou uma análise sobre como os constrangimentos relacionados ao gênero aparecem nas rotinas nas redações e assessorias, tendo como cenário de estudo as cidades de Imperatriz e Balsas, no Maranhão. O recorte teve por objetivo compreender as questões de gênero em cidades do interior, que estão menos presentes nos estudos de jornalismo e gênero no Brasil. Para a pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa para um primeiro momento, onde foram mapeadas as mulheres que atuam na comunicação das cidades em diferentes setores. Posteriormente, foi aplicado um questionário com 36 delas (82%) para obter respostas acerca da sua atuação no jornalismo e as dificuldades que encontram no cumprimento da função, o qual representa a parte quantitativa da pesquisa.

A partir dessa pesquisa, foi possível levantar um perfil das jornalistas das cidades, que se mostraram serem mais jovens, com pouco tempo de carreira e com apenas a graduação em jornalismo. Também se verificou que a maioria delas está longe dos cargos de chefia. Além disso, foi identificado que elas enfrentam assédios e constrangimentos tanto dentro quanto fora das redações. Na cobertura de pautas, elas são assediadas pelas fontes de informações homens e, dentro da empresa ou do órgão público, elas passam por assédio, insultos, humilhações, abusos de poder, pressões sobre a aparência e questionamentos quanto à sua competência como profissional.

Isso mostra como a cultura machista adentra os espaços profissionais em que as mulheres estão inseridas, criando ainda mais obstáculos para elas e fazendo com que elas tenham preocupações e precisem se esforçar mais do que seus colegas homens. Apesar de isso ser visto em muitas outras profissões, no jornalismo há certa especificidade, já que as jornalistas precisam frequentar espaços em que há uma presença masculina forte, como é o caso de coberturas de política, economia e esporte, por exemplo.

Como contribuição desta pesquisa, embora seja um estudo preliminar, cita-se a importância da observação das questões de gênero a partir de um cenário de cidades pequenas em que a área do jornalismo ainda está em desenvolvimento, um recorte pouco visto nas pesquisas científicas na área da comunicação e gênero no Brasil. Cita-se também a relevância em observar as rotinas de trabalho – discussão menos presente na literatura. E, sobre os avanços a partir destes dados, a pesquisa pode dar novos passos para ampliar as discussões a partir de entrevistas em profundidade com as mulheres que já responderam ao questionário e, principalmente, comparar com dados de outras cidades, como a capital São Luís.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. *Relatório sobre Mulheres no Jornalismo, 2017*. Disponível em: <http://mulheresnojornalismo.org.br/>. Acesso em: 14 de mar. 2018.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisa de Survey*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. 2011. p. 329-341.

BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. **Panorama do radiojornalismo nas emissoras radiofônicas do sul do Maranhão: mapeamento, rotinas produtivas e produtos jornalísticos**. 2017. 360 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: <<http://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/62/1/Nayane%20C%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

CERQUEIRA, Carla Braga. A Imprensa e a Perspectiva de Género. Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. **Observatorio (OBS*)**, v. 2, n. 2, 2008.

CHAVES, Fabiana Nogueira. A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade da educação em direitos humanos para comunicadores. **Intercom Norte**, Manaus, 2015.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2014**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>. Acesso em: 5 abr de 2019.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres jornalistas na imprensa brasileira**. Intercom, Campo Grande-MS, 2001.

LEITE, Aline Tereza Borghi. *Profissionais da mídia em São Paulo: um estudo sobre profissionalismo, diferença e gênero no jornalismo*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

MARTINEZ, Monica; LAGO, Cláudia; LAGO, Mara Coelho de Souza. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista Famecos**, [s.l.], v. 23, n. 2, p.1-23, 21 mar. 2016. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22464>. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22464>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014.

PONTES, Felipe Simão. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. In: **E-Compós**. 2017

ROCHA, Paula Melani. *As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

ROCHA, Paula Melani; SOUSA, Jorge Pedro. O mercado de trabalho feminino em jornalismo: Análise comparativa entre Portugal e Brasil. **Impulso**, v. 21, n. 51, p. 7-18, 2011.

ROCHA, Paula Melani; WOITOWICZ, Karina Janz. O processo de feminização do jornalismo: da invisibilidade às mudanças no mercado profissional. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero. **Anais...** Florianópolis, 2017.

SANTOS, Marli; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Jornalismo no feminino: a mulher jornalista, subjetividades e atuação profissional. **Comunicação & Sociedade**, v. 38, n. 3, p. 35-58, 2016.

VEIGA, Marcia. Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo. *Estudos de Jornalismo e Mídia*, v. 9, n. 2, p. 490- 505, jul-dez, 2012.